

**“Vou andar por aí...” – trajetória musical de Luiz Henrique, compositor
catarinense que levou a Ilha de Santa Catarina por onde andou**

Carlos Gregório dos Santos Gianelli¹
gianelli.87@hotmail.com
Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo: Este artigo pretende mostrar a trajetória do músico catarinense Luiz Henrique e sua importância para o movimento musical conhecido como Bossa Nova. É utilizado como principal norteador biográfico para esse trabalho o documentário intitulado “No Balanço do Mar”, de Ieda Beck, lançado no ano de 2007. Luiz Henrique carregava Florianópolis não somente nas letras de suas canções, mas no estilo revisitado de tocar e cantar a Bossa Nova. Essa relação com a Ilha era tão forte que o músico voltou a morar na cidade justamente no auge de sua carreira internacional.

Palavras-chave: Luiz Henrique; Bossa Nova; Florianópolis; Música

Abstract: This article want to show the trajectory of Santa Catarina musician Luiz Henrique and their importance to the musical movement known as Bossa Nova. It is used as the principal guideline for this biographical work, the documentary entitled “No Balanço do Mar” by Ieda Beck released in 2007. Luiz Henrique brought Florianópolis not only in the lyrics of his songs, but in the revisited style of playing and singing Bossa Nova. This relationship with the island was so strong that the musician back to live in the city just at the peak of his international career.

Keywords: Luiz Henrique; Bossa Nova; Florianópolis; Music

Em vários momentos da História do Brasil, seja especificamente na área de estudos políticos, econômicos ou, como pretendo aqui, na área dos estudos musicais, grandes momentos históricos são construídos a partir de mitos e personagens, todos eles muito bem selecionados, ora por recorte temporal e, principalmente, pela perspectiva de abordagem. Tal seleção desses sujeitos ‘criadores’ dessa história é feita de acordo com o momento histórico vivido, atenção da mídia ou simplesmente o destaque é dado por questão de afinidade de quem faz a pesquisa. No entanto, é válido ressaltar que em alguns casos a pertinência de ser lembrado ou não, pode ficar a cargo do próprio sujeito retratado. O historiador Marcos Napolitano, em seu livro intitulado *História e Música*, enfatiza que a produção historiográfica nessa área ainda é muito escassa sendo ela ainda portadora de muitas possibilidades de

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História na UDESC – Campus Florianópolis.



pesquisa.² Partindo dessa perspectiva pretendo entender um pouco da trajetória do músico catarinense e “manezinho” de criação Luiz Henrique Rosa.

Luiz Henrique, como era chamado no meio artístico, foi um dos principais nomes do movimento musical denominado Bossa Nova, tendo seu trabalho muito mais reconhecido no exterior do que no Brasil e, especificamente, em Santa Catarina. O compositor, cantor e violinista nasceu na cidade de Tubarão no dia 25 de novembro de 1938. Aos 11 anos se mudou para Florianópolis, cidade que despertou no compositor um amor sem precedentes à terra alguma. Temos aqui, com certeza, um dos pontos fundamentais para se entender o universo de Luiz Henrique. Sua paixão pela Ilha não era apenas um simples saudosismo que usasse a cidade como musa inspiradora para suas composições. A relação dele com Florianópolis transcendia o a mero louvor ou homenagem, sendo essa a responsável pelo tocar do violão, influenciando, também, o estilo de cantar. Não quero dizer que não encontramos nas letras das canções do compositor referências literais a Ilha. Lugares como a Lagoa da Conceição são retratados do modo mais literal e materializado possível. Porém, em músicas que não fazem menção direta à Ilha, o universo do mar, do ritmo de vida lenta presente em Florianópolis acaba se refletindo nas opções melódicas, harmônicas e até mesmo de arranjo.

A trajetória musical, propriamente dita, de Luiz Henrique começa ainda na sua adolescência quando ele passa a integrar o grupo *Vilma e Seu Conjunto*, nessa época ainda como ritmista. Mais tarde, depois de se aplicar mais no estudo do violão com um professor em São José, o compositor passa a tocar violão no grupo *Os Melódicos*.³ Aos vinte anos de idade, quando Florianópolis vivia a Era de Ouro do rádio, nos anos 1950 (a televisão ainda aparecia tímida como poder de mídia na cidade e no estado de Santa Catarina), Luiz Henrique estreou na rádio Diário da Manhã, num programa no qual interpretava clássicos do cancionário brasileiro e estrangeiro, principalmente o norte americano. Foi através desse veículo que o compositor se destacou no cenário musical de Santa Catarina. Suas interpretações não eram meras releituras ou caricaturas do que pretendia mostrar. Luiz Henrique, com seu timbre conciso e de jeito leve de cantar, proporcionava ao ouvinte conhecer diversos clássicos de modo ‘traduzido’ para a realidade de quem ouvia. Ênfase novamente que não se tratava de traduzir literalmente ou colocar batuques brasileiros no jazz americano, mas, era nos arranjos simples de violão e no tom intimista do vocal que Luiz Henrique se diferenciava. E foram justamente essas as características que deram destaque para

² NAPOLITANO, Marcos História e Música. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

³ BECK, Ieda. Luiz Henrique - no Balanço do Mar. 72 minutos, cor. Florianópolis, 2007. Lembro que as principais referências biográficas de Luiz Henrique utilizadas neste artigo foram extraídas do documentário de Ieda Beck.



o compositor no cenário da Bossa Nova. Seu vocal sereno representava perfeitamente a estética que tinha nascido no Rio de Janeiro e encontrava um representante legítimo na Ilha de Santa Catarina.

A primeira experiência de Luiz Henrique fora de Santa Catarina foi quando o pianista gaúcho Norberto Baldauf, no ano de 1960, convidou o músico catarinense para integrar o seu conjunto. Outro ícone que já fizera parte do mesmo grupo antes de ganhar destaque na música popular brasileira foi a cantora Elis Regina. Norberto vinha se apresentar constantemente na ilha em lugares como o Lira e o Clube Doze de Agosto. Em uma dessas visitas levou consigo o músico manezinho que se destacava no cenário musical. Com esse grupo excursionou durante aproximadamente um ano pelo sul do Brasil.

No ano de 1961, se mudou para o Rio de Janeiro, berço da Bossa Nova. O catarinense levava consigo uma carta de apresentação, um bilhete de recomendação do crítico musical Ilmar Carvalho, endereçado a João Gilberto. Como o próprio Ilmar disse, “já fazia parte do folclore nacional o costume de João Gilberto não receber ninguém”⁴, ou não dar atenção para pessoas estranhas que buscavam espaço, seja no âmbito da Bossa Nova ou de qualquer ramo musical. Todavia, João Gilberto não tinha só atendido a Luiz Henrique como introduzido o músico na noite carioca integrando, com o perdão do trocadilho, o fino da bossa dos bares e relacionamentos musicais. Esses bares, dos quais falo, ficavam localizados no Beco das Garrafas, no bairro de Copacabana. O Bar Bacará era um dos bares que mais se destacavam na cena. Lá foi a gênese de muitos grupos importantíssimos da Bossa Nova e da Música Popular Brasileira de um modo geral. Para citar alguns artistas, revelados no local, temos Os Cariocas, Sérgio Mendes, Carlos Lira, Nara Leão, Quarteto em Cy. Outro bar que merece destaque na cena da região é o Bottles onde Elis Regina começou sua carreira. O interessante é observar o espaço de sociabilidade existente nesses locais. Os bares não eram apenas os lugares onde essas pessoas iam tocar, tirar o seu sustento. Ali aconteciam conversas, *jam sessions*, rodas de improviso, canjas, que acabavam integrando os músicos da cidade que vivia uma onda fortíssima de explosão de talentos. Foi nessa época, por exemplo, que Luiz Henrique conheceu Jorge Benjor, que despontava na cena musical brasileira. Nas palavras do mesmo: “Luiz Henrique possuía um estilo leve, uma Bossa Nova totalmente diferente. Ele era versátil, incrível.”⁵ Outro exemplo que temos de reconhecimento do talento do compositor catarinense vem de um dos pilares incontestes da Bossa Nova e da poesia brasileira. No programa de rádio do pesquisador musical Ricardo Cravo Albin, Vinícius de Moraes,

⁴ Carvalho In BECK, Ieda. Luiz Henrique - no Balanço do Mar. 72 minutos, cor Florianópolis, 2007.

⁵ BENJOR In BECK, Ieda. Luiz Henrique - no Balanço do Mar. 72 minutos, cor Florianópolis, 2007.



indagado sobre qual seria a novidade da Bossa Nova, que nome se destacaria fora os já consagrados, o poeta responde sem pestanejar que é Luiz Henrique. Outro exemplo do respeito a Luiz Henrique vem de Roberto Menescal. A admiração dele é tamanha que chegou a afirmar: “Estou ouvindo uma versão de Vivo Sonhando, de Luiz Henrique, para usar de base para um arranjo que estou fazendo agora, quarenta anos depois.”⁶ Luiz Henrique gravou seu primeiro LP no Rio de Janeiro, no ano de 1963. Intitulado *A Bossa Moderna de Luiz Henrique*, o disco teve grande aceitação de público e crítica, emplacou músicas como *Vou Andar por Ai* e *No Balanço do Mar*. Foi com esse disco que conseguiu todo esse respeito e credibilidade, visto nos exemplos citados anteriormente. O compositor já não era apenas mais um emulando um estilo já consagrado. Luiz Henrique surge no cenário carioca como um novo e original intérprete da Bossa Nova. De acordo com alguns músicos, tais como o próprio Roberto Menescal, com certeza, um dos maiores fatores de diferenciação do músico catarinense era o distanciamento local e temporal com relação à Bossa Nova. A vivência de uma realidade diferente do Rio de Janeiro fez com que Luiz Henrique conseguisse uma leitura mais original do estilo. As melodias não eram sopradas pela brisa que batia em Copacabana, mas pelo vento sul que soprava na Lagoa da Conceição. Autores como Paul Zumthor apontam essa questão da *performance* como um dos elementos que constituem a canção⁷. O vocal levemente temperado com o sotaque da ilha entrou como parte do arranjo, diferenciando o artista de outros do mesmo estilo.

Tendo alcançado esse destaque todo, Luiz Henrique mal sabia aonde o seu jeito sereno de cantar e o estilo peculiar no ritmo do seu violão o poderia levar. Paul Winter, grande saxofonista de jazz norte americano, ao passar em turnê pelo Brasil, viu no talento do músico catarinense o violão perfeito para integrar o seu novo projeto de jazz, ao qual queria adicionar pitadas de música brasileira. Teríamos agora nesse momento, nas palavras do próprio Luiz Henrique: “um caipira, um manezinho tocando no grupo de jazz favorito do Presidente Kennedy”⁸. No grupo, o violão do brasileiro seria o ‘coração’ da banda, exatamente o fator que Winter buscava para diferenciar sonoramente o seu novo projeto. Então, no ano de 1964, com cinquenta dólares no bolso, passagens de ida e volta e a promessa de mais quinhentos dólares de ajuda de custo do Itamaraty, Luiz Henrique sai do país para iniciar o que seria seu auge, na cidade de Nova Iorque. Ao chegar lá, se encontrou com o baterista do Tamba Trio, Helcio Milito, seu primeiro contato na cidade. Depois disso todos os outros encontros e

⁶ Música gravada no LP Barra Limpa de 1967.

⁷ Sobre a categoria performance dentro dos estudos de História e Música recomendo livro: ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007

⁸ HENRIQUE In BECK, Ieda. *Luiz Henrique - no Balanço do Mar*. 72 minutos, cor Florianópolis, 2007.



parcerias aconteceriam com a mesma naturalidade que teria acontecido no Beco das Garrafas, no Rio de Janeiro. Além de excelente músico, outro ponto marcante de Luiz Henrique era a sua facilidade em fazer amizades. Pessoa simpática e prestativa, ele conquistava todos com sua generosidade e atenção, além disso, o seu sorriso gratuito aparecia tanto no palco quanto nas mesas de bar. Em Nova Iorque foi onde a amizade de Luiz Henrique com os músicos Sivuca e Hermeto Pascoal foi consolidada. Com o primeiro saía em noitadas por bares para dar *canjas*. O principal bar desse momento inicial era o Feejon's, onde se tinha grande apreço pela música brasileira. Com o segundo chegou a dividir quarto num hotel em que vários músicos ficaram hospedados, o '1,2,3'. Foi também nessa época que o catarinense chegou a dividir um apartamento, alugado por Flora Purim, com grandes nomes da música brasileira que estavam nos Estados Unidos, dentre eles Tim Maia e Airto Moreira.

Foi dentro desse contexto de redescobertas de parcerias musicais que Luiz Henrique conheceu o músico norte americano Oscar Brown Jr. Tocaram junto em Chicago e chegaram a gravar um disco em 1965, chamado *Finding New Friend*. O disco possuía músicas em inglês e português. Tratava-se claramente de uma obra resultante do intercâmbio musical e cultural de dois amigos que admiravam a música do país de cada um. Luiz Henrique, que desde os tempos da rádio Diário da Manhã tinha apreço pelas ricas melodias e harmonias do jazz americano, viu na parceria com Oscar Brown Jr. a possibilidade de sintetizar seus anseios musicais em relação ao estilo. Para Oscar a relação foi muito parecida, pois Luiz Henrique surge para ele como a ponte perfeita para que pudesse explorar o universo da musicalidade brasileira, que ao mesmo tempo soava exótica, mas possuía incríveis canais de conexão com o jazz. Isso se evidencia com o próprio estilo da Bossa Nova. Ao ter unido elementos do samba e do jazz ela “criou” uma sonoridade que agradaria das praias de Copacabana aos cafés de Nova Iorque. Foi nesse momento, com Oscar Brown Jr., em Chicago, que o compositor catarinense fez uma de suas amizades mais conhecidas, com a cantora e atriz Liza Minelli. A afinidade dos dois era imensa, muito dela sendo calcado na admiração mútua pela produção artística de ambos. O jeito simples e simpático de Luiz Henrique encantou a estrela de Hollywood que, semelhante ao músico de Chicago, possuía um enorme prestígio pelo Brasil. Liza gostava muito quando Luiz Henrique tocava músicas em português ou em ritmos brasileiros, pois a variedade de melodia e a fonética das palavras interessava muito a cantora. Sobre a maneira como Luiz Henrique tocava violão, Liza Minelli usa das próprias palavras do músico para descrever sua relação com o instrumento: “Qualquer outro instrumento você



bate, você sopra, mas um violão você abraça”⁹, essa seria a base do som do violão dele para ela.

Assim como aconteceu no Brasil, com grandes nomes da música brasileira reconhecendo o trabalho de Luiz Henrique, nos Estados Unidos não foi diferente. Os principais artistas da cena do jazz norte americano não poupavam elogios para o trabalho do catarinense. O interessante é observar que os elogios não são superficiais, todos os comentários feitos eram bem específicos, sobre a qualidade e originalidade sonora do músico. Ron Carter, baixista-lenda do jazz norte americano, que já tocou no conjunto de Miles Davis junto com Herbie Hancock, conta que a princípio estranhou o estilo de Luiz Henrique em relação à Bossa Nova, por se tratar de algo bem diferente do que vinha sendo feito em Nova Iorque. No entanto, depois de conseguir decifrar o estilo peculiar, passou a admirá-lo muito pela sua originalidade. De acordo com Carter, a Bossa Nova do catarinense teria muito mais autenticidade do que a interpretação, de outra lenda do jazz, o saxofonista Stan Getz. Continuando a lista de admiradores de Luiz Henrique no âmbito do jazz norte americano temos de acordo com Bob Golden, da Eduard B. Marks Music Company, os nomes de Dave Brubeck (líder do Dave Brubeck Quartet – um dos maiores nomes do *cool jazz*), o já citado Oscar Brown Jr., parceiro de disco e composições, Walter Wanderley, parceiro no disco Popcorn, e ainda, o nome de Nancy Wilson, grande intérprete que gravou com o manezinho.

Temos aqui, sem dúvidas, o auge da carreira de Luiz Henrique. Após ter saído de Florianópolis, se mudado para o Rio de Janeiro, ter conquistado o respeito de grandes nomes da música brasileira, alavancando o músico para a cena de Nova Iorque, e lá ter conseguido também o respeito e admiração dos principais nomes do jazz norte americano, Luiz Henrique teve em suas mãos todos os contatos e ferramentas possíveis para consolidar de vez o seu nome, não somente no Brasil, mas internacionalmente. No entanto, Luiz Henrique sentia muita saudade de sua terra. A Ilha, que como já comentei, não era apenas a sua musa inspiradora, mas compunha parte de todo o ‘genoma musical’ do cantor e fazia falta dentre os ingredientes criativos do músico. Afinal de contas, como Roberto Menescal já havia comentado, um dos principais fatores para o destaque do catarinense dentre tantos músicos da Bossa Nova era justamente esse seu distanciamento, que possibilitou uma releitura muito pertinente do que estava sendo feito no Rio de Janeiro. Liza Minelli ainda comenta que a volta do compositor era fundamental para o seu processo criativo, ele necessitava muito dessa reaproximação com suas origens. Luiz Henrique era indissociável à Ilha de Santa Catarina e,

⁹ Contracapa do LP *Barra Limpa*, Verve, 1967.



sabendo disso, resolve voltar no final dos anos de 1960. Já de volta, no ano de 1970 compõe o Hino do Avaí, time de futebol do sul da ilha, em parceria com o amigo Fernando Bastos. Além de Luiz Henrique, sua irmã e o parceiro de composição, o baterista do grupo de Sergio Mendes, João Palma, participou da gravação do hino. No ano de 1975 lança o LP *Mestiço* pela gravadora que ele mesmo funda chamada Itagra. O disco já mostra uma bossa nova ainda mais revisitada, com arranjos que utilizam instrumentos pouco convencionais para o estilo - a faixa de abertura *Jandira* possui um teclado sintetizador bem típico de estilos como o rock progressivo. Vemos nisso que, apesar do afastamento do músico catarinense, ao voltar para sua ilha, seus contatos e seu nome já estavam bem estabelecidos no cenário musical brasileiro. Muito influenciado pela presença de Luiz Henrique, Florianópolis, nos anos da década de 1970, finalmente entraria na rota das turnês nacionais dos grandes artistas. Ainda nessa década, mais precisamente no ano de 1978, Luiz Henrique estréia um programa na TV Cultura chamado *Estamos Aí*, transmitido para todo o estado de Santa Catarina. No ano seguinte a cantora Liza Minelli veio para o Brasil. Em show realizado no Rio de Janeiro, não teria dúvidas ao convidar o amigo catarinense para dividir o palco. Num momento mais intimista do espetáculo os dois fizeram alguns duetos em português. Um ano antes de falecer, num fatídico acidente automobilístico em 1985, Luiz Henrique fez o que poderia ser considerado o *gran finale* de sua obra. Em parceria com o maestro Hélio Teixeira da Rosa e com o amigo multi instrumentista e gênio da música brasileira Hermeto Pascoal, Luiz Henrique monta a *Sinfonia para Santa Catarina*. Durante cerca de seis dias os três andaram por toda a Ilha buscando inspiração para suas composições, cujo resultado foi mostrado ao público no teatro Ademir Rosa do Centro Integrado de Cultura. No palco, além de Hermeto Pascoal tocando vários instrumentos, o maestro regendo uma orquestra e Luiz Henrique ao violão, estavam presentes algumas rendeiras da Lagoa, com seus bilros, fazendo uma ‘percussão incidental’ que, além do seu caráter musical, contribuía como um elemento cênico muito forte. Tal experimentalismo é marca registrada de Hermeto, que tinha a total confiança do compositor catarinense para com sua música homenagear a sua tão louvada Ilha de Santa Catarina.

A busca desse artigo foi tentar fugir um pouco do estilo ‘vida e trajetória musical’, não descartando tal perspectiva, de um determinado artista. Tentei abordar um pouco de como sua relação com uma cidade, em específico, teria refletido em sua criação musical e destacado o músico manezinho nos cenários nacional e internacional. Mas afinal de contas, porque Luiz Henrique não ficou tão conhecido como Tom Jobim, João Gilberto, Jorge Benjor e outros nomes da época? Será que foi simples esquecimento da mídia? Será que as gravadoras não



dariam mais espaço para o músico? O fato de morar numa cidade sem tradição cultural de âmbito nacional teria atrapalhado? Não tenho a resposta para nenhuma dessas indagações. Mas o que fica claro na vida de Luiz Henrique é que seu trabalho não buscava apenas fama e reconhecimento. O compositor era daquelas pessoas que queria conhecer sons, explorar possibilidades. E com certeza a sua volta para a ilha, no auge de sua carreira, fazia parte dessa necessidade de Luiz Henrique, afinal de contas, era de Florianópolis que vinha grande parte de seu diferencial como músico.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Mário de. *Dicionário Musical Brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.

BECK, Ieda. *Luiz Henrique - no Balanço do Mar*. 72 minutos, cor Florianópolis, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. História e música popular: um mapa de leitura e questões. *Revista de História (USP)*, v. 157, p. 153 a 172.

MELLO, José Eduardo. *Homem de Música Popular Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

Recebido em 08 de junho de 2010.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2012.

